

Memória: abordagem teórico-conceitual

Antônio Roberto Xavier ⁱ 

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, CE, Brasil

Karla Renata de Aguiar Muniz ⁱⁱ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

José Gerardo Vasconcelos ⁱⁱⁱ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Francisco Ricardo Miranda Pinto ^{iv} 

Centro Universitário INTA, Sobral, CE, Brasil

Resumo

Em vários espaços encontram-se marcas, registros, objetos que levam a reflexivos pensamentos, revelam lembranças profundas que podem acalantar a alma, afugentar, angustiar o espírito, dependendo das reminiscências indelévels e atemporais presentes no intelecto humano. Isto é memória. Este artigo suscita o debate teórico-conceitual e epistemológico sobre memória, sua relação construtora e até simbiótica com o processo histórico. Inegável a fecundidade desse debate hodiernamente, sobretudo entre historiadores, memorialistas e arquivistas que examinam as diversas fontes materiais e imateriais dos mais variados sujeitos sociais e suas estadas e produções no percurso histórico de suas existências. Esta produção se dá no âmbito teórico através da consulta bibliográfica tipologicamente descritiva com abordagem qualitativa a partir de fontes secundárias. A técnica de análise conteudal é a do discurso sociohistórico. Como resultado apresenta-se alguns conceitos e significados reelaborados a partir de teorias e epistemologias múltiplas no campo semântico do vocábulo memória em diferentes contextos históricos.

Palavras-chave: Memória. História. Epistemologia. Fonte. Conhecimento Sociohistórico

Memory: theoretical-conceptual approach

Abstract

In several spaces there are marks, records, objects that lead to reflective thoughts, reveal deep memories that can cherish the soul, scare away, distress the spirit, depending on the indelible and timeless reminiscences present in the human intellect. This is memory. This article raises the theoretical-conceptual and epistemological debate about memory, its constructor and even symbiotic relationship with the historical process. Undeniable the fruitfulness of this debate today, especially among historians, memorialists and archivists who examine the various material and immaterial sources of the most varied social subjects and their stays and productions in the historical course of their existences. This production



takes place in the theoretical scope through the bibliographic consultation typologically descriptive with qualitative approach from secondary sources. The technique of conteudal analysis is that of sociohistórico discourse. As a result, some concepts and meanings are reworked from multiple theories and epistemologies in the semantic field of the word memory in different historical contexts.

Keywords: Memory. History. Epistemology. Source. Sociohistorico knowledge.

1 Introdução

O reconhecimento da memória como fonte para a escrita da história é uma tônica no âmbito das mais diversas produções do conhecimento das Ciências Sociais e das Humanas, em geral. À guisa de comparação, o trabalho com a memória poderia ser comparado, a partir das valiosas palavras de Demerval Saviani, como uma produção, um trabalho imaterial, que se relaciona com a construção histórica do sujeito (BEGO, 2016). Esse reconhecimento em relação à Memória é condicional para a vivificação e sobrevivência de uma história genuína e de abrangência maior das realidades humanas. De fato “[...] A conexão entre história e memória tornou-se muito forte e sem esse elo a história seria apenas escotismo, ou pura exterioridade se, como Ricouer, lembramos o quanto o presente é afetado pelo passado [...]” (DOSSE, 2003, p. 293).

Ao virmos ao mundo e nele crescermos vamos aprendendo, guardando e conservando inúmeros saberes em nosso intelecto, num contínuo presente-passado. Aprendemos as necessidades básicas e funcionais de manutenção do nosso corpo físico, desenvolvemos a capacidade de interpretar códigos escritos, falados, desenhados e tantas outras atividades. Há uma infinidade de habilidades que conseguimos dominar e utilizar, as quais vão sendo utilizadas gradativamente de acordo com nossa necessidade de sobrevivência. Todas essas aprendizagens só são úteis e utilizáveis se lembradas. Caso contrário, seria um eterno e tedioso recomeço no sentido físico e biológico.

O debate teórico sobre a relação de memória e história atravessa gerações de pesquisadores no âmbito da produção do conhecimento histórico, sobretudo após a tomada de consciência de que a memória não deve ser tomada apenas como uma fonte





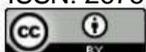
guardadora de fatos passados inexpressivos, passivos ou inoperantes, de somenos importância de um processo parcial e limitado para as ciências do espírito. A memória tem a possibilidade de retratar o concreto, o objeto imagético na sua essência. A história, por outro lado, está vinculada a “[...] deslegitimação do passado vivido [...], às “continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas (NORA, 1993, p. 09), e mesmo querendo sempre repelir a memória, a história, para realização de seu processo contínuo, necessita da memória para lhe preencher suas mais profundas lacunas que não encontraram ou não encontram alimentação apropriada para seu preenchimento, a não ser se valendo dos componentes da memória.

Entendemos que as premissas estimuladoras da temática estão correlacionadas com as demandas teórico-epistemológicas e metodológicas para os que se dedicam às pesquisas e às demandas acadêmico-científicas envolvendo essa inesgotável área de estudo. O debate sobre a memória e, sobretudo sua importância para a construção e constituição da história tem sido sempre seiva latente e pulsante para as discussões científicas. Deste modo, a necessidade de mais debates e a viabilidade em função das produções bibliográficas nos incentivam trazer a temática ao palco das abordagens científicas.

Metodologicamente esta é uma pesquisa teórica do tipo descritivo-interpretativa de revisão bibliográfica. Quanto à abordagem é prioritariamente qualitativa com fundamentação em fontes secundárias de livros, artigos e documentos eletrônicos. O texto está dividido em tópicos sequenciais de maneira interligada. O segundo tópico sequencial a esta introdução se trata de: ii) Memória: contextos e conceitos; iii) Memória: funções e tipos; iv) Conclusão.

2 Memória: contextos e conceitos

Definições da Memória, com maior densidade e amplitude de significados vêm de longe, com Platão e Aristóteles cognominando-as de “conservações de sensações” e “reminiscência”. Aristóteles problematiza a questão da conservação do conhecimento





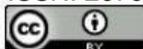
passado e sua representação como marca/impressão. Ao considerar a marca-impressão deixada pelo objeto elenca a existência da Memória abdicando a não necessária presença do objeto físico já que a própria imagem pode ser considerada também objeto constituidor de memória (ABBAGNANO, 1998).

Assim, Abbagnano (1998) nos apresenta 2 (dois) tipos de Memória: a memória-retentiva – conserva o passado não mais visto – e a memória-recordação, com capacidade cognitiva de lembrar/recordar, quando evocado, o conhecimento passado, tornando-o atual. A psicologia antiga considerava como características da memória a conservação e a persistência de conhecimentos levando em conta a proporcionalidade entre a memória e força imagética (persistência de conservação).

A memória existe com menor ou maior intensidade, de acordo com a força representativa da imagem, independentemente da presença ou não do objeto. Assim, a Memória de algo poderá ser curta, quando a imagem permanece por pouco tempo; duradoura até certo tempo, quando existe uma presença forte e intensa da imagem; e, infalível quando essa imagem é tão potente que se torna indestrutível ou permanente (ABBAGNANO, 1998).

Na Grécia antiga e clássica, segundo Heródoto, “[...] fizeram da Memória uma deusa, Mnemosine. [...]. Lembra aos homens a recordação dos heróis e dos seu altos feitos, preside a poesia lírica. [...] A memória aparece então como um dom para iniciados e a anamnesis, a reminiscência, como uma técnica ascética e mística. (LE GOFF, 1990, p. 378). Na idade medieval, o conceito agostiniano e tomista de memória qualificava-a como ventre da alma e tesouro local e conservação das espécies de infinita duração onde residem as mais profundas e amplas imagens de recordações que o esquecimento não conseguiu apagar. Especificamente a obra Confissões aborda a temática memória com profundidade destacando sua inigualável importância para o crescimento do conhecimento interior do homem cristão.

Com Agostinho a memória penetra profundamente no homem interior, no seio da dialética cristã do interior e do exterior de onde saíram o exame de consciência, a introspecção, senão a psicanálise. Mas Agostinho lega também ao cristianismo





medieval uma versão cristã da trilogia antiga dos três poderes da alma: memória, inteligência, providentia [...]. (LE GOFF, 1990, p.384-385).

5

A memória religiosa cristã de que trata Agostinho é constante e atual. Através de ritos, festejos e homenagens póstumas a memória aos mortos, por exemplo, ganhou *status* significativo no calendário ocidental, inclusive, com data específica de 1º de novembro para a memória dos falecidos como tradição em vultosos festejos e sacrilégios. Ocorreu o que se chamou de cristianização da memória em referência ao cristianismo que era dividida em memória Coletiva e Mnemotécnica – litúrgica e laica respectivamente, sempre voltada para a transcendência.

Nas idades Moderna e Contemporânea a característica de conservação do conhecimento pela memória está em conformidade com a duração da consciência e conservação integral do espírito por si próprio alimentados pelas ações, afeições e manifestações ou especificidades pessoais. Leibniz concebia a memória como “[...] conservação integral, sob forma de pensamento [...]” (ABBAGNANO, 1998, p. 658).

Leibniz expressa o conceito potente e virtual de memória que mais tarde seria abordado por Bergson (1999), ou seja, o fato da memória ser a conservação integral de toda e qualquer manifestação do espírito. Deste modo, a memória com “M” maiúsculo não se trata da regressão do presente ao passado, mas de uma visita virtual primeira e a partir do passado para progressiva e conscientemente evoluirmos para o estado presente. Esta tarefa, feita pela recordação (no sentido de estado virtual) que ancora a memória pura, verdadeira, conforme a linha de raciocínio da filosofia espiritualista ou consciencialista (ABBAGNANO, 1998).

Nessa ótica, necessário se faz o debate sobre a identificação das funções e tipos de memórias, partindo do pressuposto de que memória e história são termos com conceitos e compreensões diferentes em suas respectivas ações e atuações. Ela, a memória é infundável, tem natureza de coletividade ao passo que é plural, mas completamente individualizada. A história é a materialização do passado, a memória é presente, é atual, é real ainda que suscetível (NORA, 1993).



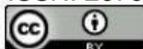


Na realidade, o conceito de memória e suas variadas definições prosseguem sem limites ou respostas prontas e acabadas, “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” (LE GOFF, 1990, p. 424).

Nesta relação de memória e história compreendamos que a história local e a memória dos sujeitos sociais in loco conservam e acumulam, como legítimos depositários fiéis, informações preciosas capazes de servir, construir e reconstruir a história. Efetivam assim que os lugares de memórias para efetivação de pesquisa podem ser: escolas, bibliotecas, arquivos públicos e privados e, sobretudo, a história oral. Nestes locais está registrada a memória de sujeitos sociais que reflete na construção da ossatura cultural de certo período contada por quem esteve presente ou soube através de outros sobre os acontecimentos, feitos e fatos de uma época.

A escola não constitui apenas a memória física institucional, mas também as docentes com suas práticas pedagógicas cotidianas que se organizam na construção do currículo (GENÚ, 2018), permite tanto a relação quanto a reflexão imbricada na teoria e prática. As memórias docentes reportam a outros espaços geográficos e temporais, emergem lembranças e fatos desde a infância que retomam lugares no exercício da profissão, reforça a consciência de vida e constituição do sujeito (MORORÓ, 2017), usa o “tempo histórico” (GENÚ, 2018, p. 59). Dentre as memórias de infância estão os brinquedos e brincadeiras com importância na constituição do sujeito quando através da ludicidade são incutidas na criança normas e regras de vivência coletiva, contribui com seu desenvolvimento psicomotor, físico e cognitivo (CASTRO; VASCONCELOS; ALVES, 2020).

São nesses lugares, como um depósito de arquivos, um caderno/caderneta de registro de compras, um documento testamento, uma associação/instituição, uma casa velha e/ou até mesmo um minuto de silêncio, enfim lugares “[...] híbridos e mutantes, [...]”. (NORA, 1993, p. 21-22). É através da memória aplicada nesses lugares que se tem “[...]”





uma chance para revisitar, a partir do passado, os múltiplos possíveis do presente para pensar o mundo de amanhã” (DOSSE, 2003, p. 298).

Nesses lugares de memória que se pode encontrar o legado cultural deixado por pessoas, coletividade, comunidade, instituição etc., pois, “A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.” (BOSI, 1994, p. 47). É fato que pode até haver Memória sem história, porém, o contrário não seria validado, sobretudo a memória coletiva. Desta forma, é permitido afirmar que, a “[...] memória encerra um processo de construção, gerador de uma estratégia que aponta para a infinitude da história [...]” (VASCONCELOS, 2000, p. 107; VASCONCELOS, 2001).

Destaquemos que a memória coletiva tem sua formação apresentada desde a Grécia antiga quando o passado coletivo faz representatividade da história do grupo social. Há uma substituição, segundo Le Goff (1990) da memória coletiva pela história. O sociólogo francês Maurice Halbwachs (2004) conclui, por sua vez, que são os grupos sociais que determinam o que tem caráter memorável e como deverão ser lembradas. A história pode ser construída pelas somas significativas de particularidades encontradas na memória Coletiva que não subordina, permite as diferentes transcrições e menções visto que fatos históricos são únicos, no fato e na forma como foram afetados.

O ponto crucial da discussão de Halbwachs é que a memória individual é constituída a partir de uma memória coletiva. Talvez, em função dessas teias constitutivas a Memória coletiva garante a continuidade do tempo desafiando e resistindo às mudanças, transformações e rupturas dos diferentes contextos, tornando-se em memória atemporal (CARVALHO, 2019; FIALHO, et al. 2020).

Porém, não podemos esquecer da memória à margem ou subterrânea, como expressa Pollak (1989) muitas individuais e individualizadas, abafadas, sufocadas, recriminadas, abandonadas. Mencione-se os “segredos de opinião” ou as práticas condenáveis em certos contextos, levados à cova que por vergonha, discriminação ou para evitar mal-estar maior nunca se revelam (ROUSSO, 2002).

A memória continua tendo esse poder inigualável de identificação dos indivíduos e de sua inserção social, entrelaçando-se inter e transdisciplinarmente com a capacidade





de fazer emergir a história de vida do dia-a-dia dos seres vivos, principalmente daqueles que passaram despercebidos, dolosa ou culposamente pela história de caráter tradicional, os anônimos (VAINFAS, 2002), “A memória, embora etérea, é esta natureza que lhe confere o fascínio, pois a força das memórias vem da sua subjetividade e o seu poder da autenticidade dos relatos.” (GOMES, 2013, p. 15).

Assim, a tão sublimada história cronológica teve importante frenagem. A nova visão historiográfica da segunda metade do século XX. Mas, de qual memória estamos falando? Ou de qual memória queremos falar? Encetada pela historiografia francesa, os historiadores desse contexto passaram a perceber o quanto seria importante a memória coletiva, social, política sobretudo da maneira de viver dos chamados ‘anônimos’ (SANTOS, 2007; VAINFAS, 2002; CHAVEAU; TÉTARD, 1999).

A memória que nos referimos é “[...] a memória verdadeira. Coextensiva à consciência, ela retém e alinha uns após outros todos os nossos estados à medida que eles se produzem [...]” (BERGSON, 1999, p.124). A Memória se constitui como uma poderosíssima fonte que ao ser utilizada como recurso metodológico, por meio da narrativa oral, alcança uma produção historiográfica sempre presente e inédita se valendo das lembranças/recordações do passado, que são úteis para educação e práxis docente¹.

3 Memória: funções e tipos

A necessidade do reaprender só não existe em função de uma grande e indestrutível serviço nossa de cada dia: a memória. Bergson (1999) defende uma concepção dualista composta pela mente (memória) a qual, segundo sua concepção, é independente do cérebro (Corpo), corrobora com Chernow (2004) ao identificarem pelo menos três tipos de memórias: a primeira, episódica, se reduz a partir do tempo

¹ Para saber mais sobre Educação na interface com a formação de professores, sugerimos consultar: Banfield; Haduntz; Maisuria (2016); Dinarte; Corazza (2016); Fantin (2017); Lima; Azevedo (2019); Lima; Santos (2018); Lopes (2019); Rios; Cardoso; Dias (2018); Smyth; Hamel (2016); Soares; Viana (2016); Sousa; Nascimento (2018); Triguero (2018).





cronológico – memória imagem, a segunda, implícita, tem a capacidade de constância visto se relacionarem com o sistema sensório-motor – ao hábito e a terceira, semântica, pode evoluir ao longo da vida, é a pura ou memória verdadeira.

O abastecimento e/ou suprimento desse potente e inigualável recipiente de informações e conhecimentos, a memória, são realizados através de duas etapas: o registro e a retenção para em seguida servir um terceiro momento, a recuperação que dependem da disposição suficiente, eficiente e eficaz desses recursos. O primeiro recurso, o registro, funciona como a porta de entrada. A atenção é necessária e fundamental para o registro daquilo que, posteriormente, estaremos aptos a nos lembrar. Junte-se a atenção a concentração.

O segundo recurso, a retenção, é o armazenamento eficiente do registro efetivado na memória. Com efeito,

A retenção – ou a fase de armazenamento da memória – pode ser reforçada pelo interesse, pela observação, pela associação e pela repetição. [...] As informações precisam ser praticadas, revistas ou até reaprendidas para ser recordadas adequadamente. Utilizar com regularidade as informações já absorvidas também reforça a retenção. [...] Uma vez registrada, precisamos revê-la continuamente a fim de retê-la. (CHERNOW, 2004, p. 26).

A terceira etapa, a *recuperação* que é servida pelas duas primeiras etapas abastecedoras da memória é o [...] processo de buscar um item na memória sempre que necessário. [...]. A recuperação é o desenlace. Se a informação foi registrada adequadamente, não haverá dificuldade para buscá-la na memória quando necessário. (CHERNOW, 2004, p. 26-27).

Retomemos os conceitos de memória-retentiva e a memória-recordação para inserirmos a concepção da memória-associativista – capacidade de concatenar na mente os fatos que estão fora do corpo segundo a ordem e a organização das afeições do corpo humano, conforme apontou Spinoza (século XVII), explorada mais tarde, no século XVIII por David Hume esboçando as três leis associativistas: semelhança, contiguidade e de causalidade, sendo as primeiras duas leis utilizadas por algum tempo “[...] pela psicologia associacionista para explicar os fenômenos psíquicos [...]”. (ABBAGNANO, 1998, p. 658).





É o cérebro, órgão anatomofisiológico que tem a função de filtrar da mente (memória), as lembranças indispensáveis para a sobrevivência do ser humano em seu habitat do presente. Lembranças e esquecimentos são ações psíquicas determinadas por escolha de critérios, adaptação e sobrevivência. Ao analisar a relação entre percepção e memória esclarece que a primeira (percepção) é uma faculdade distinta da memória, porém, com a capacidade de atrair fenômenos exteriores e está sempre infiltrada de lembranças (BERGSON, 1999).

A memória é a capacidade mental de representar no presente o passado, é o centro da mente, de identificação sempre repleta de pensamento/imaginação, pois esta é a matéria prima da inteligência humana. A memória Involuntária é a responsável pela operação da inteligência humana (XAVIER, 2014).

A discussão bergsoniana é retomada por Paul Ricoeur em: A Memória, a História, o Esquecimento (2007) para quem,

[...] nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos sua lembrança. A própria historiografia, digamo-la desde já, não conseguirá remover a convicção, sempre criticada e sempre reafirmada, de que o referente último da memória continua sendo o passado, independentemente do que possa significar a preteridade do passado. (RICOEUR, 2007, p. 20).

Ricoeur ressalta que desde os primeiros textos pioneiros sobre a análise do passado “[...] a memória e a imaginação partilham o mesmo destino [...]” da afirmação aristotélica “[...] segundo a qual a memória é tempo” (RICOEUR, 2007, p. 21). Este pensamento se faz presente em Rosa Dal Forno (2020) que se beneficiando do conceito de memória e suas relações históricas não apenas com o passado do homem, mas das instituições em que este homem se constitui sujeito, lançam mão de diferentes materiais históricos para contar a história do IFSul Campus Venâncio Aires. Com esta pesquisa as autoras ratificam que a memória institucional é parte da memória humana.

4 Conclusão





Os velhos senhores do tempo são imbatíveis. Suas narrativas memoriais estão sempre prontas e dispostas para revelarem as mais enigmáticas e improváveis histórias. É essa vontade de memória que alarga a percepção, amplia o espaço e dar brilho a visão para percebermos bem mais além daquilo que a história oficial menosprezou ou não quis registrar.

Essa história subterrânea ou marginalizada tem a oportunidade de vir à tona graças a memória como palácio inesgotável que alimenta a história através do recurso metodológico da história oral, que viabiliza tal possibilidade, sobretudo a partir das últimas cinco décadas.

A memória daqueles e daquelas que foram atores sociais de uma forma ou de outra é decisiva para a compreensão histórica, sempre no presente. Por isso mesmo, o debate sobre a memória prossegue triunfante e fecundo.

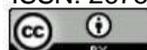
Essas histórias podem ser encontradas nas memórias dos mais variados ecos dos sujeitos sociais das diversas e diferentes classes sociais. Mas, que carregam seus significados de mundo e possuem em seus bios o sangue pulsante, o espírito ativo e a liberdade eclética e elástica de produção histórica. É essa e dessa memória autônoma, liberta e independente que alimenta e constrói a história sem cor, sem status social, sem preconceito e sem dominação ou escolha de sujeitos e posições hierarquizadas no mundo.

A memória como alimentadora da história tem como missão precípua alimentá-la construtivamente trazendo à tona no presente representações seletas individuais e coletivas do passado através de uma operação constante psíquica-intelectual do material e imaterial.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BANFIELD, G.; HADUNTZ, H.; MAISURIA, A. The (im)possibility of the intellectual worker inside the neoliberal university. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 1, n. 3,





set./dez., p. 3-19, 2016. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/110> Acesso em: 01 set. 2016.

BEGO, A. M. Políticas públicas e formação de professores sob a perspectiva da racionalidade comunicativa: da ingerência tecnocrata à construção da autonomia profissional. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 3-24, 2016. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/98> Acesso em: 05 ago. 2019.

12

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARVALHO, S. O. Formação Docente e Práxis Pedagógica narrativa de uma professora. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3716> Acesso em: 05 jul. 2019.

CASTRO, M. A. de; VASCONCELOS, J. G.; ALVES, M. M. A. “Estamos em casa!”: narrativas do cotidiano remoto da educação infantil em tempo de pandemia. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3716> Acesso em: 05 mai. 2020.

CHAUVEAU, A.; TÉTARD, P. (orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999.

CHERNOW, F. B. **Supermemória**: jogos e exercícios para aprimorar sua memória; tradução de Ibraíma Dafonte e Vera Caputo. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

DINARTE, L. D.; CORAZZA, S. Espaço poético como tradução didática: Bachelard e a imagem da casa. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 1, n. 2, mai./ago., p. 135-148, 2016. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/105> Acesso em: 02 mai. 2016.

DOSSE, F. **A História**. São Paulo: EDUSC, 2003.

FANTIN, M. Educação, aprendizagem e tecnologia na pesquisa-formação. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 2, n. 6, set./dez., p. 87-100, 2017. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/161> Acesso em: 01 set. 2017.





FIALHO, L.; BRAGA JUNIOR, V. R.; MONTE, R.; BRANDENBURG, C. O uso da história oral na narrativa da história da educação no Ceará. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 2, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3505> Acesso em: 01 jan. 2020.

13

GENÚ, M. S. A abordagem da ação crítica e a epistemologia da práxis pedagógica. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 3, n. 3, p. 55-70, 2018. Disponível em <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/856>. Acesso em 09 ago. 2020.

GOMES, L. K. de S. Trajetórias e Biografias: notas para o campo da História da Educação (prefácio). In: VASCONCELOS, J. G. *et al.* **Pesquisas Biográficas na Educação**. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2004.

LE GOFF, J. **História e memória**; tradução Bernardo Leitão et al. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

LIMA, A.; AZEVEDO, M. L. Processo de institucionalização da política nacional e estadual de formação docente: Proposições e resistências no Paraná. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 4, n. 12, set./dez., p. 124-147, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/1126/1311> Acesso em: 01 set. 2019.

LIMA, J.; SANTOS, G. Valores, educação infantil e desenvolvimento moral: concepções dos professores. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 3, n. 8, mai./ago., p. 153-170, 2018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/275> Acesso em: 02 mai. 2018.

LOPES, A. de P. C. Legislação e processos educativos: A constituição da escola primária no Piauí (1845 a 1889). **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 4, n. 10, jan./abr., p. 50-65, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/866/1081> Acesso em: 02 jan. 2019.

MORORÓ, L. A influência da formação continuada na prática docente. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 36-51, 2017. Disponível em <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/122>. Acesso em 01 ago. 2020.





NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, nº. 10, dez. 1993.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos** vol. 5, n. 3 – Memória, São Paulo: Edições Vértice, 1989.

RICOUER, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, Unicamp, 2007.

RIOS, P. P.; CARDOSO, H.; DIAS, A. Concepções de gênero e sexualidade d@s docentes do curso de licenciatura em pedagogia: por um currículo Queer. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 3, n. 8, mai./ago., p. 98-117, 2018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/272> Acesso em: 02 mai. 2018.

ROSA, A. da; DAL FORNO, R. L. Memorial do IFSul Câmpus Venâncio Aires: história, educação e pesquisa. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 1 - 15, 2020. Disponível em <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3607>

ROUSSO, H. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. RJ: FGV, 2002.

SANTOS, M. P. dos. História e Memória: desafios de uma relação teórica. **OPIS**, v. 7, n. 9, jul-dez, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/o.v7i9.9331> Acesso em: 02 jan. 2016.

SMYTH, E.; HAMEL, T. The history of initial teacher education in Canada: Québec and Ontario. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 1, n. 1, jan./abr., p. 88-109, 2016. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/93> Acesso em: 02 jan. 2016.

SOARES, C.; VIANA, T. Jovita Alves Feitosa: memórias que contam a história da educação nas prisões cearenses. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 1, n. 1, jan./abr., p. 140-158, 2016. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/96> Acesso em: 02 jan. 2016.

SOUSA, N. M.; NASCIMENTO, D. A inclusão escolar e o aluno com síndrome de Down: as adaptações curriculares e a avaliação da aprendizagem. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 3, n. 9, set./dez., p. 121-140, 2018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/859/762> Acesso em: 01 set. 2018.

TRIGUERO, I. M. Gamificación y tecnologías como recursos y estrategias innovadores para la enseñanza y aprendizaje de la historia. **Educação & Formação**,





Fortaleza, v. 3, n. 8, mai./ago., p. 3-16, 2018. Disponível em:
<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/267> Acesso em: 02 mai. 2018.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história**. São Paulo, SP: Campinas, 2002.

VASCONCELOS, José Gerardo. **Memórias da saudade**: busca e espera no Brasil autoritário. São Paulo: Annablume, 2000.

VASCONCELOS, J. G.; MAGALHÃES JÚNIOR, A. G. (orgs.). **Memórias no Plural**. Fortaleza: LCR, 2001.

XAVIER, A. R. **Joana Paula de Moraes**: história, memória e trajetórias educativas (1900-1963). 2014. 411 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

ⁱ **Antônio Roberto Xavier**, <http://orcid.org/0000-0002-3018-2058>:

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira; Instituto de Ciências Sociais Aplicadas; Programa de Pós-Graduação em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis

Pós-doutor em Educação (UFPB e UFC). Doutor em Educação (UFC). Mestre em Planejamento e Políticas Públicas e Mestre em Sociologia (UECE). Pedagogo. Historiador. Professor Permanente do Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis (MASTS-UNILAB) e do Curso de Administração Pública (UNILAB).

Contribuição de autoria: contribuiu com a idealização e realização da pesquisa, edição e redação e revisão final.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6041487079855448>

E-mail: roberto@unilab.edu.br

ⁱⁱ **Karla Renata de Aguiar Muniz**, <http://orcid.org/0000-0003-4007-2482>:

Universidade Federal do Ceará; programa de Pós-Graduação em Educação

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Ceará (UFC); Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Pós-graduada (Lato Sensu) em Gestão Cultural pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA).

Contribuição de autoria: contribuiu com coleta de dados, redação do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0861923937995306> .

E-mail: karla.renata@hotmail.com

ⁱⁱⁱ **José Gerardo Vasconcelos**, <http://orcid.org/0000-0003-0559-2642>:

Universidade Federal do Ceará; Faculdade de Educação; Departamento de Fundamentos da Educação

Pós-doutor em História da Educação (UFRN). Pós-doutor em Educação (UFPB). Pós-doutor em Artes Cênicas (UFBA). Doutor e Mestre em Sociologia (UFC). Filósofo (Licenciado – UECE). Filósofo (Bacharel – UECE). Docente titular da Faculdade de Educação da UFC.





Contribuição de autoria: contribuiu com a idealização e realização da pesquisa, edição, redação e revisão final.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1590976796851445>

E-mail: gerardovasconcelos1964@gmail.com

^{iv} **Francisco Ricardo Miranda Pinto**, <https://orcid.org/0000-0003-0771-6266>

Centro Universitário INTA; Universidade Estadual Vale do Acaraú; Universidade de Fortaleza
Doutorando e Mestre em Saúde Coletiva (UNIFOR). Enfermeiro (UNINTA). Letrólogo (UNIP).
Pedagogo (UVA). Docente do Curso de Pedagogia EaD do Centro Universitário INTA – UNINTA.
Docente do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú.

Contribuição de autoria: contribuiu com a redação integral do texto, edição e revisão final do texto

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3045693095467045>

E-mail: ricardomiranda195@gmail.com

Editora responsável: Cristine Brandenburg

Especialista *ad hoc*: Lia Machado Fiuza Fialho

Como citar este artigo com mais de Três autores (ABNT):

XAVIER, Antônio Roberto *et al.* Memória: abordagem teórico-conceitual. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 3, n. 1, e313798, 2021. Disponível em:

<https://doi.org/10.47149/pemo.v3i1.3798>

Recebido em 09 de agosto de 2020.

Aceito em 20 de agosto de 2020.

Publicado em 14 de setembro de 2020.

